CONDUZINDO A RIVALIDADE À MESA

Octavio Souza

A valorização pelo pensamento psicanalítico contemporâneo do complexo fraterno em sua especificidade face ao complexo de Édipo permite uma renovação da clínica das questões rivalitárias, tanto em sua compreensão metapsicológica, quanto em seu manejo transferencial. Autores como René Kaës e Juliet Mitchell buscam demonstrar o quanto a lateralidade das relações fraternas possui uma gênese própria, não redutível à simples retranscrição, por deslocamento, da verticalidade das relações edipianas, e o quanto sua consideração permite uma abordagem renovada de situações clínicas que resistem à compreensão usual pela via da lógica da castração.

René Kaës distingue duas formas principais do complexo fraterno: o complexo fraterno arcaico, por um lado, e o complexo fraterno pré-edipiano e edipiano, por outro. No presente trabalho deveremos nos deter na oposição entre as formas arcaicas e pré-edipianas do complexo, quando o que está em jogo é a passagem da experiência dos tempos arcaicos, na qual os irmãos são experimentados como objetos parciais aglutinados no interior do corpo materno onipotente, para a experiência da rivalidade propriamente dita, constitutiva do triângulo pré-edipiano, na qual o pai, embora presente na relação metafórica introduzida pela mãe, ainda “não é percebido como rival portador do pênis ou interditor, mas como um objeto parcial concorrente, ao mesmo título que um irmão ou irmã” (Kaës: 2008a, 20).

O caminho que conduz do complexo fraterno arcaico para o complexo fraterno pré-edipiano pode ser concebido, nos termos propostos por Lacan em 1938, como a encruzilhada em que se encontra o sujeito quando, na saída do complexo de desmame, se depara com um outro semelhante, na figura do intruso representado pelo irmão. Nessa situação Lacan se refere à descrição agostiniana da inveja do irmão mais velho, empalidecido ante o espetáculo amargo do irmão mais moço sendo amamentado por sua mãe. Essa experiência traumática constitui uma encruzilhada para o sujeito que lhe permite ou aceder à concorrência de uma situação triangular que ‘implica ao mesmo tempo rivalidade e acordo”, ou, por via regressiva, retornar ao objeto materno e se “aferrar à recusa do real e à destruição do outro” (Lacan: 1938, 43). O destino do sujeito diante dessa encruzilhada é formulado por Lacan como dependente de seu desenvolvimento psíquico no momento do traumatismo da intrusão. “Surpreso pelo intruso na desorientação do desmame, ele o reativa sem cessar ao seu espetáculo: ele faz então uma regressão que se revelará, segundo os destinos do eu, como psicose esquizofrênica ou como neurose hipocondríaca; ou então ele reage pela destruição imaginária do monstro, que resultará em impulsões perversas, ou em culpabilidade obsessiva” (Lacan: id, 44).

O caso que iremos apresentar é o de um menino que iniciou seu tratamento aos seis anos e que o interrompeu sete anos depois, e que, a despeito dos imensos progressos obtidos, não pôde se livrar da reativação incessante do espetáculo intrusivo e das tentativas infrutíferas de destruição imaginária do monstro que, desde sua concepção, representou para ele seu irmão mais moço.

Leão inicia seu tratamento aos seis anos de idade, levado por sua avó materna. Sua mãe está grávida de sete meses. Leão é extremamente agressivo, particularmente com sua mãe, mas também com as crianças de modo geral. Demonstra imenso desagrado com a perspectiva do nascimento do irmão, tendo mesmo chegado, uma vez, a dar um soco na barriga da mãe.

Nas viagens de ônibus para as sessões assusta as pessoas fingindo ser o Homem Aranha. Em sessão, brinca freneticamente com bonequinhos de brinquedo. Com os dedos de uma mão em pinça, habilmente faz um par de bonequinhos se mover em balanço frenético, ao mesmo tempo em que o aproxima e distancia de seus próprios olhos. Os bonequinhos, tomados cada um em uma mão, também lutam no ar uma luta sem pausas para vitórias ou derrotas, a mesa servindo apenas como plataforma de propulsão.

Nesse início do tratamento, chamo a atenção para os planos de colamento de corpos: Os bonequinhos ficam colados um ao outro e, ao mesmo tempo, colados ao olho de Leão. Do mesmo modo, a mimetização do Homem Aranha pode ser vista como uma imagem imposta ao olhar do outro, numa fetichização de sua presença. De modo paradoxal, tais encenações são também tentativas de descolamento, tanto pelo ato de afastar os bonequinhos dos olhos, quanto pela força do Homem Aranha que resiste ao poder centrípeta do olhar do outro.

Após muitas sessões de repetição monótona dessa brincadeira, acontecem três sessões em sequência, ao longo das quais uma ampla variedade de vivências de colamento de corpos é explicitado no manifesto da relação transferencial. Dentre elas destaco: Manifestações de angustia com a duração das sessões e com minha proximidade. Um comentário seu de que seu olho está branco, feito quando, após estar brincado de aproximar e afastar os bonequinhos dos olhos, levanta e aproxima seu olho do meu, a poucos centímetros de distância. O desenho de uma mulher perseguindo um homem, seguido da insistência esbravejante para que eu beije a mulher no próprio papel do desenho, não se satisfazendo com o beijo lançado à distância que ofereci. A afirmação, quase delirante, de que eu ficava beijando os outros pacientes que entravam no meu consultório e de que ele não iria deixar que isso acontecesse com ele, de modo algum, conforme era o "meu plano”!

Quatro sessões após essas três sessões, um acontecimento muda o ambiente das sessões. Leão brinca como sempre. Em um dado momento, sem parar sua brincadeira, se levanta, fica de pé diante de mim e me conta coisas atabalhoadamente. Olhamo-nos fixamente por algum tempo e, por fim, como ele é realmente muito engraçado, deixo escapar involuntariamente um riso sufocado. Sua reação é imediata. Rindo muito alegre, diz para mim, repetidamente: “Você me acha engraçado!!!” Rindo também, confirmo que sim. Ele pula em júbilo, repetindo: “Você me acha engraçado!!!”. Depois de um curto intervalo de tempo, na sequência do clima de animação, faz um gesto com as mãos em minha direção, as mãos que se tornam navalhas, diz ser o Wolverine e me ataca em corpo-a-corpo, cravando as navalhas na minha barriga. Eu também me torno um Wolverine e respondo ao ataque com o mesmo gestual. Nos atacamos e nos abraçamos numa gargalhada gostosa. A sessão se conclui com essa brincadeira. Nas sessões seguintes, ao lado das brincadeiras de bonequinhos e das conversas, passamos a brincar de luta, sem o intermediário dos bonequinhos. Ele diz que é o Wolverine, eu digo que sou o Wolverine, e nos atacamos com lâminas que saem de nossas mãos, chegando mesmo a nos engalfinhar um tanto. Algumas sessões se seguem nesse clima. Leão fica mais calmo e sua fala se torna mais compreensível. A avó relata que seu comportamento no ônibus melhorou.

Entendo que meu riso na sessão serviu como disparador da queda de Leão do meu olho, como a marca da introdução de uma falha no fascínio que sua personificação de Homem Aranha certamente exercia sobre mim. Atribuo esse efeito liberador ao lugar que o riso veio a ocupar na sucessão das sessões, nas quais, como pôde ser visto, Leão já vinha expressando um processo paradoxal de simbolização do colamento de corpos, no esboço de um processo de separação.

Nessa passagem da luta entre bonequinhos para a luta corporal é importante notar que as primeiras eram lutas que não implicavam em vencedores e vencidos, apenas encenavam um balé aéreo interminável entre dois corpos que não se situava em nenhum terreno. O que parece estar em jogo nesses embates aéreos é menos a representação de uma luta entre rivais, mas, muito mais, a relação de Leão com um casal de pais combinados (ou com o par mãe-irmão, como veremos a seguir), que se gruda a seu olho e do qual busca, infrutiferamente, distância. Nesse contexto, é interessante se referir à formulação de Kaës da cena dos pais combinados como a da cópula ininterrompida do pai com uma mãe com o ventre cheio de irmãos e irmãs (Kaës: 2008b, 386).

A luta dos Wolverines parece, assim, guardar um duplo valor. Por um lado, representa, de um modo mais manifesto, a passagem de uma luta sem rivais, para uma luta que enfim pode ser lutada por Leão, uma luta, agora sim, rivalitária, de Wolverine contra Wolverine. Por outro lado, e em um plano mais precoce, pode ser vista não tanto como uma luta, mas, muito mais, como uma dança em sintonia estésica entre Leão e seu duplo, o analista, nos moldes da homossexualidade primária em duplo, noção concebida por René Roussillon (2004) para explicitar a complexidade dos elementos constituintes do objeto subjetivo do narcisismo primário. Ainda por esse mesmo viés, mas já no plano transicional do brincar, pode também ser entendida como um jogo de *cou-cou*, como o jogo de aparecer e desaparecer precocemente jogado pela mãe com o bebê (Roussillon: 1995). Em todos esses planos, tudo se passa como se a imagem do par grudada no olho de Leão o impedisse de brincar de aparecer e desaparecer com o outro materno, outro materno sempre presente, ofuscante, sempre reduzindo as distâncias, como a mulher do desenho, ansiosa por beijos, impedindo que Leão pudesse encontrar um espaço para vir a aparecer, e, também, num momento posterior, para vir a enfrentar o objeto, numa relação rivalitária.

Cinco ou seis sessões após a sessão do riso, Leão começa a brincar e logo diz que quer ir embora. Digo que quer ir embora porque fica nervoso perto de mim. Diz que não tem medo. Digo que não disse que tinha medo, mas que ficava nervoso. Um pouco depois, pega os bonequinhos e vai para uma outra mesa, separada da minha por uma divisória que impede que nos vejamos. Passado um tempo, pergunto o que está fazendo e ele responde que está brincando. Depois de mais algum tempo volta para junto de mim, pede para levar para sua mesa o resto dos brinquedos e pergunta se pode ficar brincando ainda muito tempo. Digo que sim e ele expressa satisfação. De sua mesa, comenta que não fica nervoso de ficar comigo. Digo que ele pode ficar ali e que podemos conversar quando quisermos. Brinca um tempo sozinho e, ao fim, me convida para jogar damas em sua mesa, coisa que nunca tínhamos feito anteriormente.

Essa sessão marca, vividamente, um esboço inicial da aquisição de um espaço para si, da capacidade de estar só com o outro. Ao mesmo tempo, inaugura a série de jogos de tabuleiro que virá a nos ocupar até o momento da interrupção de seu tratamento, aproximadamente dois anos e meio depois. O que se passa na conversa entre Leão e eu, sentados, sem nos vermos, em mesas diferentes, é a retomada, por um outro ângulo, do jogo do aparecer/desaparecer inaugurado com o abraço dos Wolverines, na qual se trata do reasseguramento de minha permanência fora do seu campo visual, assim como de sua permanência fora do meu campo visual -- espaço de onde poderemos vir a reaparecer no abraço dos Wolverines. O outro ponto essencial dessa sessão é a passagem dos pseudo-jogos de luta dos bonequinhos para as disputas dos jogos de tabuleiro, mediada pelas brincadeiras de luta/abraço corpo-a-corpo com o analista. Na análise de Leão a entrada do jogo de damas representa o início da possibilidade de simbolização das questões relativas à rivalidade. Infelizmente, como será visto, a interrupção do tratamento veio impedir que isso se realizasse de modo mais satisfatório.

Numa sessão, dois meses e meio depois, a avó chega se queixando de que Leão continua impossível, agressivo com o irmão e atemorizando as pessoas no ônibus. Sua avó se retira e ele começa a brincar excitadamente com os bonequinhos junto aos olhos. Digo-lhe, pela primeira vez, que ele se comporta assim no ônibus porque quer assustar as pessoas. Ele nega, mas eu insisto e ele concorda. Pede para jogar damas e eu prossigo dizendo que ele tem medo de sua mãe e quer passar esse medo para os outros. Diz que não tem medo de mulher. Lembro-lhe do desenho em que o homem fugia da mulher. Ele se lembra com alegria do desenho e diz que eu tenho medo de sua mãe. Jogamos damas. Perde a primeira partida e fica profundamente envergonhado. Pergunta se eu acho que ele é um perdedor. Explico que jogo melhor porque sou mais velho e que jogo há muito mais tempo. Ajudo-o a ganhar as outras três partidas, ensinando-lhe a corrigir suas jogadas. Começa a contar vantagem sobre suas vitórias, ao que eu lhe lembro o quanto o tinha ajudado. Concorda. Ao final da quarta partida pergunta ansiosamente se já acabou. Digo que sim e ele vai embora combinando comigo de jogar damas na próxima vez desde o início da sessão.

Na sessão seguinte, começa arrumando o tabuleiro e eu ganho a partida. Não suporta perder, não quer mais jogar. A muito custo aceita jogar uma outra partida. Começa perdendo e logo passa a jogar fora das regras e comer minhas peças de qualquer jeito. Digo que assim é melhor não jogar. Ele insiste em jogar e diz que agora “vale-tudo”. Aceito e como duas peças dele de modo ilegal. Ele fica encantado e exclama “Agora vale-tudo!!!, de brincadeira!!!”. Eu também exclamo, “vale-tudo”. Adora a brincadeira e jogamos o resto da sessão, dizendo o tempo todo “vale-tudo”, em ótimo clima.

Durante as próximas muitas sessões jogamos o jogo do “vale-tudo”, sempre dizendo alegremente “vale-tudo” enquanto jogamos. As brincadeiras cinéticas desaparecem e ao longo do tempo só reaparecem muito poucas vezes. Depois, aos poucos, nos cansamos do jogo do vale-tudo e voltamos a jogar damas de verdade. Seu jogo melhora visivelmente e ele passa a suportar as derrotas, embora sempre com sofrimento manifesto. Sua postura em sessão se torna progressivamente mais amadurecida, embora sempre muito sensível às situações em que, em nossas conversas, julga estar sendo mal avaliado por mim ou pelos outros. Seu aproveitamento escolar, que era muito irregular, se torna realmente bastante bom. A rivalidade com o irmão permanece de modo insuportável para todos.

Minha interpretação de seu comportamento no ônibus como uma identificação projetiva do medo de sua mãe teve por efeito o abandono progressivo das brincadeiras cinéticas em favor do jogo de damas, para o qual passam a ser transferidos os sentimentos de vergonha envolvidos na relação com a mãe e os sentimentos de rivalidade com o irmão. “Você acha que eu sou um perdedor?”. Suas derrotas no jogo de damas acarretam sentimentos depressivos de desvalia extrema, o que certamente traduz a impossível situação rivalitária em que se encontra frente ao irmão. O jogo do vale-tudo serve como um espaço transicional valioso para a elaboração de sua vergonha e de seus sentimentos de desvalia e de derrota. Abandona os bonequinhos cinéticos, consegue jogar damas comigo, consegue estudar e aprender, ser um bom aluno. A mudança de sua postura é impressionante. No ônibus, não se comporta mais como Homem Aranha. Muitas vezes parece um menino normal. O insuportável das brigas com o irmão, contudo, só fazia aumentar, ameaçando, assim veio a me parecer logo em seguida, a possibilidade de sua permanência em casa.

Por motivos que, por falta de tempo, aqui não cabem detalhar, Leão veio a interromper sua análise. Me pergunto o que poderia ter acontecido com a continuidade do tratamento? O que faltava para que os importantes progressos de Leão na elaboração da rivalidade através, principalmente, dos jogos de dama, pudessem produzir efeitos transformativos na sua relação com o irmão?

Uma coisa que não consigo deixar de pensar diz respeito ao fato de que Leão, por mais que batesse no irmão com a força proveniente da diferença de idades, na verdade nunca teve a oportunidade de vencer nenhuma briga, nenhuma disputa, nenhuma parada com o irmão, irmão sempre superprotegido por uma mãe que o desprezava num extremo aterrador. Provavelmente, a coisa mais importante que poderia ter acontecido se sua análise viesse a ter tido continuidade, teria sido manter de pé a possibilidade de vir a transferir o poder da arbitragem materna nos embates perdedores com o irmão, para a arbitragem do analista. Com a mudança de arbitragem, ele poderia começar a melhor se preparar e ganhar forças para finalmente conseguir vencer, pelo menos por uma vez, de modo exemplar, os embates reais que disputava com seu irmão na arena da vida.

Em seu excelente livro, *Entre mère et fille: un ravage,* Marie-Magdeleine Lessana sustenta uma tese sobre a relação mãe-filha que creio passível de ser ampliada para as relações entre irmãos. A autora entende que a parte mais importante do conflito mãe-filha é travada numa zona externa à problemática fálica do regime edipiano, num embate que Lacan qualifica como uma devastação. Essa devastação, observa Lessana, não é da ordem de uma fantasia, mas um real embate corpo-a-corpo com a mãe, no enlaçamento aditivo de um amor possessivo englobante. Nessa justa medida, para uma mulher, a porta de saída desse campo de devastação requer muito mais um ato no real de sua vida do que o trajeto simbolizante da travessia de uma fantasia construída em análise. Requer um afrontamento em ato com a mãe ou com uma substituta transferencial, “uma passagem dolorosa que implica o desbastamento do domínio erótico materno” (Lessana: 2000, 11). Essa passagem, Lessana concebe como uma prova. “A prova será atravessada quando a imagem fascinante vier a ser atingida até cair. Não se trata de assassinato [entendo que a autora aqui se refere à dimensão simbólica do assassinato do pai], mas de um ato que ‘dê cabo’ [‘*fasse la peau’*] da imagem deslumbrante que persegue”. (Lessana: idem, 12).

A imagem deslumbrante que perseguia Leão, o tempo todo, era a da dança de sua mãe com seu irmão. Depois da aquisição da possibilidade de rivalizar com o analista em sessão, nos jogos de dama, Leão precisaria, ainda, “dar cabo”, precisaria “arrancar a pele” de seu irmão na vida real.

Pelo que fico pensando, a rivalidade fraterna implica uma dimensão de fascínio muito mais difícil de contornar que o fascínio do poder paterno contido na rivalidade com o pai, e pode ser aproximado do fascínio entre mãe e filha da *ravage* lacaniana. Entendo que a especificidade da devastação entre mãe e filha é, em última análise, consequência da proximidade dos corpos femininos resultante da falta da mediação da diferença entre os sexos. No caso dos irmãos, os corpos são aproximados pela falta da mediação da diferença entre as gerações. O pai é simbolicamente assassinado quando o sujeito realiza sua castração (castração do pai) e passa a poder lhe virar as costas, abandonando-o no tempo de sua geração passada, na busca dos desafios presentes e futuros de sua própria geração. É muito mais difícil simplesmente virar as costas para os irmãos. Eles habitam o presente de nossa própria geração, e os desafios que devem ser enfrentados são lutados no embate com eles mesmos. Nada que possa ser reduzido à questão, eminentemente simbólica, da travessia da fantasia da onipotência de um Outro não castrado. Como frisa Lessana, não se trata da travessia de uma fantasia, mas da prova de uma travessia que implica em “dar cabo” do poder exercido pelo fascínio do outro intrusivo.

BIBLIOGRAFIA

Kaës, R. (2008a). *Le complexe fraternel.* Paris: Dunod. 2008.

\_\_\_\_\_\_\_ (2008b). “Le complexe fraternel archaïque”. Revue française de psychanalyse 2008/2 (Vol. 72).

Lacan, J. (1938). “Les complexes familiaux dans la formation de l’individu”. In: *Autres écrits*. Paris: Seuil (2001).

Lessana, M.-M. (2000). *Entre mère et fille: un ravage.* Paris: Fayard. 2000.

Roussillon, R. (1995). *Logiques et archéologiques du cadre psychanalytique.* Paris: PUF. 2007.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ (2004). “La dépendance primitive et l’homosexualité primaire en ‘double’”. Revue Française de Psychanalyse 2004/2 (Vol. 68).

CONDUCIENDO LA RIVALIDAD EN LA MESA

Octavio Souza

La valorización por el pensamiento psicoanalítico contemporáneo del complejo fraterno en su especificidad frente al Complejo de Edipo permite una renovación de la clínica de las cuestiones rivalitarias, tanto en su comprensión metapsicológica como en su manejo transferencial. Autores como René Kaës y Juliet Mitchell buscan demostrar que la lateralidad de las relaciones fraternas posee una génesis propia no reductible a la simple transcripción, por desplazamiento, de la verticalidad de las relaciones edípicas, y que su consideración permite un abordaje renovado de situaciones clínicas que resisten a la comprensión usual por la vía de la lógica de la castración.

René Kaës distingue dos formas principales del complejo fraterno: el complejo fraterno arcaico, por un lado, y el complejo fraterno pre-edípico y edípico, por otro. En este trabajo nos detendremos en la oposición entre las formas arcaicas y pre-edípicas del complejo, cuando lo que está en juego es el pasaje de la experiencia de los tiempos arcaicos -- en la cual los hermanos son experimentados como objetos parciales aglutinados en el interior del cuerpo materno omnipotente -- a la experiencia de la rivalidad propiamente dicha constitutiva del triángulo pre-edípico en la cual el padre, aunque presente en la relación metafórica introducida por la madre, aún “no es percibido como rival portador del pene o interdictor, sino como un objeto parcial concurrente a mismo título que un hermano o hermana” (Kaës: 2008a, 20).

El camino que conduce del complejo fraterno arcaico al complejo fraterno pre-edípico puede ser concebido, en los términos propuestos por Lacan en 1938, como la encrucijada en que se encuentra el sujeto cuando, a la salida del complejo de desmame, se depara con un otro semejante en la figura del intruso representado por el hermano. En esta situación, Lacan se refiere a la descripción agustiniana de la envidia del hermano más grande empalidecido frente al espectáculo amargo del hermano más chico amamentado por su madre. Esta experiencia traumática constituye una encrucijada para el sujeto que le permite o acceder a la competencia de una situación triangular que “implica al mismo tiempo rivalidad y acuerdo”, o, por vía regresiva, retornar al objeto materno y “aferrarse a la recusa de lo real y a la destrucción del otro” (Lacan: 1938, 43). El destino del sujeto frente a esta encrucijada es formulado por Lacan como dependiente de su desarrollo psíquico en el momento del traumatismo de la intrusión. “Sorprendido por el intruso en la desorientación del desmame, reactiva sin cesar su espectáculo: hace entonces una regresión que se revelará, según los destinos del yo, como psicosis esquizofrénica o como neurosis hipocondríaca; o, sino, reacciona por la destrucción imaginaria del monstruo la cual resultará en impulsiones perversas o en culpabilidad obsesiva” (Lacan: id, 44).

El caso que vamos a presentar es el de un niño que comenzó su tratamiento a los seis años y que lo interrumpió siete años después y que, a despecho de los inmensos progresos obtenidos, no pudo librarse de la reactivación incesante del espectáculo intrusivo y de las tentativas infructíferas de destrucción imaginaria del monstruo que, desde su concepción, representó para el su hermano más chico.

Leão comienza su tratamiento a los seis años, llevado por su abuela materna. Su madre está embarazada de siete meses. Leão es extremamente agresivo, particularmente con su madre, pero también con los niños en general. Demuestra un inmenso desagrado con la perspectiva del nacimiento del hermano habiendo llegado una vez a dar un puñetazo en la barriga de la madre.

En los viajes de ómnibus para ir a las sesiones asusta a las personas fingiendo ser el Hombre Araña. En la sesión juega frenéticamente con muñequitos de juguete. Con los dedos de una mano en forma de pinza hace hábilmente que un par de muñequitos se muevan en un balancear frenético, al mismo tiempo en que lo aproxima y lo distancia de sus propios ojos. Los muñequitos, cada uno en una mano, también luchan en el aire una lucha sin pausas para victorias o derrotas; la mesa sirve apenas como plataforma de propulsión.

En este comienzo del tratamiento llamo la atención hacia los planos de pegamento de cuerpos: los muñequitos están pegados uno al otro y, al mismo tiempo, pegados al ojo de Leão. Del mismo modo, la mimetización del Hombre Araña puede ser vista como una imagen impuesta al mirar del otro, en una fetichización de su presencia. De modo paradojal, estas escenificaciones también son tentativas de despegarse, tanto por el acto de alejar los muñequitos de los ojos como por la fuerza del Hombre Araña que resiste al poder centrípeto del mirar del otro.

Después de muchas sesiones de repetición monótona de este juego acontecen tres sesiones en secuencia, a lo largo de las cuales se explicitan, en el manifiesto de la relación transferencial, una amplia variedad de vivencias de pegamento de cuerpos. Entre ellas destaco: Manifestaciones de angustia con la duración de las sesiones y con mi proximidad. Un comentario de que su ojo está blanco cuando después de haber estado jugando a aproximar y alejar los muñequitos de los ojos, se levanta y aproxima su ojo del mío, a pocos centímetros de distancia. El dibujo de una mujer persiguiendo a un hombre seguido de la insistencia estruendosa para que yo bese a la mujer en el propio papel del dibujo, no satisfaciéndose con el beso lanzado a distancia que ofrecí. ¡La afirmación, casi delirante, de que yo siempre besaba los otros pacientes que entraban en mi consultorio y de que de ningún modo el me dejaría hacer lo mismo con él, conforme era “mi plano”!

Cuatro sesiones después de estas tres sesiones, un acontecimiento muda el ambiente de las sesiones. Leão juega como siempre. En un dado momento, sin parar su juego, se levanta, se para frente a mí y me cuenta cosas atolondradamente. Nos miramos fijamente por algún tiempo y, finalmente, como él es realmente muy gracioso, dejo escapar involuntariamente una risa sofocada. Su reacción es inmediata. Riéndose muy alegre, me dice, repetidamente: “¡¡¡Para vos soy gracioso!!!” Riéndome también, le confirmo que sí. El salta, feliz, repitiendo: … “¡¡¡Para vos soy gracioso!!!”. Después de un corto intervalo de tiempo, en la secuencia del clima de animación, hace un gesto con las manos en mi dirección y, con las manos como si fueran navajas, dice que es el Wolverine y me ataca en cuerpo a cuerpo, clavando las navajas en mi barriga. Yo también me torno un Wolverine y respondo al ataque con el mismo gestual. Nos atacamos y nos abrazamos en una gran carcajada. La sesión se concluye con este juego. En las sesiones siguientes, al lado de los juegos de muñequitos y de las conversaciones, empezamos a jugar de lucha sin el intermediario de los muñequitos. Él dice que es el Wolverine, yo digo que soy el Wolverine, y nos atacamos con láminas que salen de nuestras manos llegando inclusive a luchar un poco. Algunas sesiones siguen en este clima. Leão se va calmando y su habla se torna más comprensible. La abuela relata que su comportamiento en el ómnibus mejoró.

Creo que mi risa en la sesión sirvió como disparador de la caída de Leão de mi ojo, como la marca de la introducción de una falla en la fascinación que su personificación del Hombre Araña ciertamente ejercía en mí. Atribuyo este efecto liberador al lugar que la risa ocupó en la sucesión de las sesiones en las cuales, como puede ser visto, Leão ya había empezado un proceso paradojal de simbolización del pegamento de cuerpos en el esbozo de un proceso de separación.

En este pasaje de la lucha entre muñequitos a la lucha corporal es importante notar que las primeras eran luchas que no implicaban en vencedores y vencidos, sino que escenificaban un balé aéreo interminable entre dos cuerpos que no se situaba en ningún terreno. Lo que parece estar en juego en estos embates aéreos es menos la representación de una lucha entre rivales y más la relación de Leão con una pareja de padres combinados (o con el par madre-hermano, como veremos a seguir) que se pega a su ojo y de la cual busca, infructíferamente, distancia. En este contexto es interesante referirse a la formulación de Kaës de la escena de los padres combinados como la de la cópula ininterrumpida del padre con una madre con el vientre lleno de hermanos y hermanas (Kaës, 2008b, 386).

La lucha de los Wolverines parece así guardar un duplo valor. Por un lado, representa de un modo más manifiesto el pasaje de una lucha sin rivales a una lucha que finalmente puede ser jugada por Leão, una lucha, ahora sí, rivalitaria, de Wolverine contra Wolverine. Y, por otro lado, en un plano más precoz, puede ser vista no tanto como una lucha sino mucho más como una danza en sintonía estésica entre Leão y su dupla, el analista, en los moldes de la homosexualidad primaria en duplo, noción concebida por René Roussillon (2004) para explicitar la complejidad de los elementos constituyentes del objeto subjetivo del narcisismo primario. Aún por este mismo viés, pero en el plano transicional del jugar, puede también ser entendida como un juego del *cou-cou*, como el juego del aparecer y desaparecer precozmente jugado por la madre con el bebé (Roussillon: 1995). En todos estos planos todo sucede como si la imagen del par pegada al ojo de Leão le impidiese jugar al aparecer-desaparecer con el otro materno, un otro materno siempre presente, ofuscador, siempre reduciendo las distancias, como la mujer del dibujo, ansiosa por besos, impidiéndole poder encontrar un espacio para comenzar a aparecer y también, en un momento posterior, para empezar a enfrentar el objeto, en una relación rivalitaria.

Cinco o seis sesiones después de la risa, Leão comienza a jugar y después dice que quiere irse. Le digo que quiere irse porque se pone nervioso cerca de mí. Dice que no tiene miedo. Le digo que yo no dije que tenía miedo, sino que se ponía nervioso. Un poco después agarra los muñequitos y se va a otra mesa separada por una divisoria que impide que nos veamos. Después de un tiempo le pregunto qué está haciendo y me responde que está jugando. Después de más otro tiempo vuelve junto a mí, me pide que lleve a su mesa el resto de los juguetes y pregunta si puede seguir jugando aún mucho tiempo. Le digo que sí y expresa satisfacción. Desde su mesa comenta que no se siente nervioso de estar conmigo. Le digo que puede quedarse ahí y que podemos conversar cuando tengamos ganas. Juega un tiempo solo y al fin me invita a jugar damas en su mesa, algo que nunca habíamos hecho antes.

Esta sesión marca, vívidamente, un esbozo inicial de la adquisición de un espacio para sí, de la capacidad de estar solo con el otro. Al mismo tiempo inaugura la serie de juegos del tablero que comenzará a ocuparnos hasta el momento de la interrupción de su tratamiento, aproximadamente dos años y medio después. Lo que pasa en la conversación entre Leão y yo, sentados sin vernos en mesas diferentes, es la retomada desde otro ángulo del juego de aparecer-desaparecer inaugurado con el abrazo de los Wolverines, en la cual se trata del reaseguramiento de mi presencia afuera de su campo visual, así como de su permanencia fuera de mi campo visual --espacio de donde podremos de nuevo reaparecer en el abrazo de los Wolverines. El otro punto esencial de esta sesión es el pasaje de los pseudo-juegos de lucha de los muñequitos a la disputa de los juegos de tablero, mediada por los juegos de lucha-abrazo cuerpo a cuerpo con el analista. En el análisis de Leão la entrada del juego de damas representa el inicio de la posibilidad de simbolización de las cuestiones relativas a la rivalidad. Infelizmente, como veremos, la interrupción del tratamiento impidió que eso se realizase de modo más satisfactorio.

En una sesión, dos meses y medio después, la abuela llega quejándose de que Leão continúa imposible, agresivo con el hermano y atemorizando a las personas en el ómnibus. Su abuela se retira y el empieza a jugar excitadamente con los muñequitos junto a los ojos. Le digo por primera vez que se comporta así en el ómnibus porque quiere asustar a las personas. El niega, yo insisto y el concuerda. Pide que juguemos dama y yo prosigo, le digo que tiene miedo de su madre y quiere pasar ese miedo a los otros. Dice que no tiene miedo de mujer. Le recuerdo el dibujo en que el hombre huía de la mujer. Se acuerda con alegría del dibujo y dice que yo tengo miedo de su madre. Jugamos dama. Pierde el primer partido y se queda profundamente avergonzado. Pregunta si yo creo que es un perdedor. Le explico que juego mejor porque soy más grande y juego hace mucho tiempo. Lo ayudo a ganar los otros tres partidos enseñándole a corregir sus jugadas. Comienza a contar ventaja sobre sus victorias a lo que le recuerdo cuánto le he ayudado. Concuerda. Al final del cuarto partido pregunta ansiosamente si ya acabó. Le digo que sí y se va, combinando conmigo jugar damas la próxima vez desde el comienzo de la sesión.

En la sesión siguiente empieza arreglando el tablero y yo gano el partido. No soporta perder, no quiere jugar más. A mucho costo acepta jugar otro partido. Comienza perdiendo y después comienza a jugar afuera de las reglas y a comer mis piezas de cualquier forma. Le digo que así es mejor no jugar. Insiste en jugar y dice que ahora “vale todo”. Acepto y le como dos piezas de modo ilegal. Queda encantado y exclama “¡¡¡Ahora vale todo!!!, ¡¡¡estoy jugando!!!”. Yo también exclamo, “vale todo”. Adora este juego y jugamos el resto de la sesión diciendo todo el tiempo “vale todo”, en óptimo clima.

Durante las próximas muchas sesiones jugamos el juego del “vale todo”, siempre diciendo alegremente “vale todo” mientras jugamos. Los juegos cinéticos desaparecen y al largo del tiempo solo reaparecen muy pocas veces. Después nos vamos de a poco cansando del juego del “vale todo” y volvemos a jugar damas de verdad. Su juego mejora visiblemente y comienza a soportar las derrotas, aunque siempre con sufrimiento manifiesto. Su postura en sesión se torna progresivamente más madura, aunque siempre muy sensible a las situaciones en que, en nuestras conversaciones, juzga estar siendo mal evaluado por mí o por los otros. Su aprovechamiento escolar, que era muy irregular, se torna realmente bastante bueno. La rivalidad con el hermano permanece de modo insoportable para todos.

Mi interpretación de su comportamiento en el ómnibus como una identificación proyectiva del miedo de su madre tuvo por efecto el abandono progresivo de los juegos cinéticos a favor del juego de damas al cual comienzan a ser transferidos los sentimientos de vergüenza envueltos en la relación con la madre y los sentimientos de rivalidad con el hermano. “¿Vos crees que soy un perdedor?”. Sus derrotas en el juego de damas acarrean sentimientos depresivos de desvalorización extrema, lo que ciertamente traduce la imposible situación rivalitaria en que se encuentra frente al hermano. El juego de vale-todo sirve como un espacio transicional valioso para la elaboración de su vergüenza y de sus sentimientos de desvalorización y de derrota. Abandona los muñequitos cinéticos, consigue jugar damas conmigo, consigue estudiar y aprender, ser un buen alumno. El cambio de su postura es impresionante. En el ómnibus no se comporta más como el Hombre Araña. Muchas veces parece un chiquito normal. Sin embargo, lo insoportable de las peleas con el hermano lo único que hacía era aumentar amenazando -- así comenzó a parecerme de repente -- la posibilidad de su permanencia en casa.

Por motivos que aquí por falta de tiempo no cabe detallar, Leão interrumpió su análisis. Me pregunto ¿que podría haber acontecido con la continuidad del tratamiento? ¿Qué faltaba para que los importantes progresos de Leão en la elaboración de la rivalidad a través, principalmente, de los juegos de dama, pudiesen producir efectos transformadores en su relación con el hermano?

Una cosa que no consigo dejar de pensar se refiere al hecho de que Leão, por más que le pegase al hermano con la fuerza proveniente de la diferencia de edades, de hecho nunca tuvo la oportunidad de vencer ninguna pelea, ninguna disputa, ningún desafío con el hermano siempre sobreprotegido por una madre que a él lo despreciaba en un extremo aterrador. Probablemente lo más importante que podría haber pasado si su análisis hubiera tenido continuidad, habría sido mantener en pie la posibilidad de lograr transferir el poder del arbitraje materno en los embates perdedores con el hermano, hacia el arbitraje del analista. Con el cambio de arbitraje podría haber comenzado a prepararse mejor y a ganar fuerzas para finalmente conseguir vencer, por lo menos una vez, de modo ejemplar, los embates reales que disputaba con su hermano en la arena de la vida.

En su excelente libro, *Entre mère et fille: un ravage*, Marie-Magdeleine Lessana sustenta una tesis sobre la relación madre-hija que creo pasible de ser ampliada a las relaciones entre hermanos. La autora entiende que la parte más importante del conflicto madre-hija es trabada en una zona externa a la problemática fálica del régimen edípico, en un embate que Lacan cualifica como una devastación. Esta devastación, observa Lessana, no es del orden de una fantasía, sino un real embate cuerpo-a-cuerpo con la madre, en el enlazamiento aditivo de un amor posesivo englobante. En esta justa medida, para una mujer, la puerta de salida de este campo de devastación requiere mucho más un acto en lo real de su vida que el trayecto simbolizante de la travesía de una fantasía construida en análisis. Requiere un enfrentamiento en acto con la madre, o con una substituta transferencial, “un pasaje doloroso que implica el desbastamiento del dominio erótico materno” (Lessana: 2000, 11). Lessana concibe este pasaje como una prueba. “La prueba será atravesada cuando la imagen fascinante consiga ser alcanzada hasta caer. No se trata de asesinato (entiendo que aquí la autora se refiere a la dimensión simbólica del asesinato del padre) sino de un acto que acabe (`*fasse la peau*´) con la imagen deslumbrante que persigue “. (Lessana: ídem, 12).

La imagen deslumbrante que Leão perseguía todo el tiempo era la de la danza de la madre con su hermano. Después de la adquisición de la posibilidad de rivalizar con el analista en sesión, en los juegos de dama, Leão aún precisaría “acabar”, “arrancar la piel” de su hermano en la vida real.

Quedo, así, pensando que la rivalidad fraterna implica una dimensión de fascinación mucho más difícil de contornear que la fascinación del poder paterno contenido en la rivalidad con el padre, y puede ser aproximada a la fascinación entre madre e hija del *ravage* lacaniano. Entiendo que la especificidad de la devastación entre madre e hija es, en último análisis consecuencia de la proximidad de los cuerpos femeninos resultante de la falta de la mediación de la diferencia entre los sexos. En el caso de los hermanos, los cuerpos son aproximados por la falta de la mediación de la diferencia entre generaciones. El padre es simbólicamente asesinado cuando el sujeto realiza su castración (castración del padre) y puede comenzar a darle las espaldas abandonándolo en el tiempo de su generación pasada, en la búsqueda de los desafíos presentes y futuros de su propia generación. Es mucho más difícil simplemente darle la espalda a los hermanos. Ellos habitan el presente de nuestra propia generación, y los desafíos que deben ser enfrentados son luchados en el embate con ellos mismos. Nada que pueda ser reducido a la cuestión eminentemente simbólica de la travesía de la fantasía de omnipotencia del otro no castrado. Como indica Lessana, no se trata de la travesía de una fantasía sino de la prueba de una travesía que implica “acabar” con el poder ejercido por la fascinación del otro intrusivo.

BIBLIOGRAFIA

Kaës, R. (2008a). *Le complexe fraternel*. Paris: Dunod. 2008.

\_\_\_\_\_\_ (2008b). “Le complexe fraternel archaïque”. Revue Française de Psychanalyse 2008|2 (Vol. 72).

Lacan, J. (1938). “Les complexes familiaux dans la formation de l´individu”, in: Autres écrits. Paris: Seuil (2001)

Lessana, M.-M. (2000) *Entre mère et fille: un ravage*. Paris: Fayard. 2000.

Roussillon, R. (1995*). Logiques et arquéologiques du cadre psychanalytique*. Paris: PUF. 2007.´

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ (2004). “La dépendance primitive et l´homosexualité primaire en `double`”. Revue Française de Psychanalyse 2004|2 (Vol.68).